Um diálogo interessante

– Ah, você é Espírita? Que legal. Frequenta algum centro?

– Sim, frequento um perto da minha casa.

– E o que vocês fazem lá?

– Ah, a gente assiste palestra sobre o Evangelho, depois toma passe… Aí a gente faz algumas preces, e vai embora. Tem também a evangelização infantil.

– Aaah… Então é tipo uma igreja católica.

– Não! Porque o Espiritismo não tem ritual.

– Ué?! Mas é igualzinho. Na igreja, você chega, houve o sermão sobre o Evangelho, depois recebe a hóstia, depois reza, e vai embora. As crianças participam da catequese.

– Não, mas…

– Admita, é igualzinho. Até a evangelização, que eu sei que tem um aspecto positivo, é feito dessa forma meio impositiva, não? Mas o que me estranha é que eu já estudei um pouco do Espiritismo, só que nunca frequentei um centro… E, pelo que estudei, não tinha nada disso no Espiritismo. Por exemplo: vocês fazem evocação de Espíritos para ajudá-los?

– Não, não pode evocar Espíritos, porque você pode terminar obsedado.

– Nossa! Quem te disse isso?

– Ué?! Todo mundo do centro! A própria FEB diz isso!

– Ah, a FEB… Mas… Se o próprio Kardec evocava Espíritos para aprender com eles, Espíritos até de suicidas, e muitas vezes terminava ajudando-os a refletir?!

– Ah, mas isso era em um grupo controlado, e esses Espíritos já estavam mais tranquilos. E era Kardec.

– Não foi o que eu li. E não era só Kardec que evocava. Você sabia que, naquela época, as pessoas praticavam estudos, com evocações até de Espíritos

perturbados, em seus lares, em pequenos grupos?

– Nossa, e eles não ficavam obsedados, se sentindo mal, por esses Espíritos inferiores?

– Olha, inferior todos somos, em relação aos Espíritos mais adiantados. E não, não ficavam obsedados nem passavam mal. Na verdade, muitas vezes ajudavam esses Espíritos, enquanto aprendiam com eles.

Tem uma evocação, por exemplo, desse suicida, que foi apenas alguns dias após sua morte, e ele demonstrou estar em plena perturbação. Kardec fez algumas perguntas, tentando entender o que se passava com esse Espírito e, com essas perguntas, ele entendeu alguma coisa. Depois pediu preces e se despediu, porque não queria falar mais. Concordo que é necessário seriedade e controle, mas nunca Kardec mencionou nenhum dos médiuns ficando obsediado enquanto tentavam aprender, com a análise da situação de Espíritos como esse, e até de assassinos!

– Assassinos?!

– Sim! Tem uma evocação do Assassino Lemaire, procure lá na Revista Espírita de 1858, é muito interessante.

– E você disse que evocavam DIAS após a morte?

– Sim. Algumas vezes, horas depois!

– Horas?! Mas eu sempre ouvi que, além de não poder evocar, tem que esperar com paciência para esse Espírito ganhar a luz e vir se comunicar por vontade própria.

– Isso não é verdade. Tudo depende da finalidade. Como a intenção era analisar esses Espíritos de forma psicológica, não havia problema. Além disso, é claro que eles respeitavam a vontade dos Espíritos. Muitas vezes eles não queriam falar dos seus sofrimentos. Tem outro problema aí: Kardec sempre demonstrou que ficar à disposição de qualquer Espírito traz o perigo de comunicações sem finalidade, muitas vezes enganosas.

Mas então vocês não fazem evocações no centro?

– Não. Até tem uma reunião de médiuns, mas é fechada para o público.

– Ah, natural. Mas lá eles evocam, então, para aprender e ajudar?

– Não, não. Eles ficam à disposição de qualquer Espírito que queira se comunicar. Esses dias mesmo, receberam a comunicação do Apóstolo João!

– Como eles sabem que era João, e não outro? Eles depois questionaram o Espírito guia do grupo?

– Espírito guia? Não, o Espírito DISSE que era João, o apóstolo, e falou em Jesus e sobre a necessidade de fazermos muita prece, porque a data limite está chegando.

– Ah… Mas… E se esse Espírito estivesse usando o nome do apóstolo e palavras bonitas para passar ensinamentos errados?

– Ah, mas…

– E em casa, vocês praticam o Espiritismo?

– Como assim, praticar?

– Estudar, evocar Espíritos para fins de aprendizado com a análise das situações deles…

– Se a gente não evoca nem no centro, acha que vamos evocar em casa? Sai fora! Vai que um Espírito resolve ficar por lá?

– Como assim, "ficar por lá"? Os Espíritos estão por toda parte. Com certeza tem alguns aqui agora mesmo.

– Valha-me Deus!

– Sim, claro! E eles são atraídos por afinidade de pensamentos. Se a evocação é feita com intuito sério e com conhecimento, não há problema. O errado é evocar por brincadeira ou com leviandade. Se quem evoca é orgulhoso, por exemplo, um Espírito leviano pode se apresentar e dizer coisas que alimentem esse orgulho. Aí, sem estudo, e com vontade de cultivar o próprio orgulho, o sujeito entra na do Espírito e termina fascinado. Esse é o perigo, mas isso pode acontecer até pela intuição, de forma indireta.

– Nossa, não sabia disso. Eu já tinha ouvido que, se evocar um Espírito

perturbado, ele “cola” em você.

– Não, claro que não. Depende da intenção e do preparo. Bom, mas pelo menos existe estudo nesse centro? Tipo, estudar as obras de Kardec, a Revista Espírita…

– Revista Espírita? Que é isso? Não, a gente estuda obras do Chico e do Divaldo, até porque a gente sabe que as obras de Kardec estão ultrapassadas em muitos pontos, né?!

– Ultrapassadas? Meu amigo, eu sei que até tem coisas bonitas e corretas nessas obras mediúnicas, mas elas foram resultados de comunicações sem controle. Como, sem estudar Kardec, eles recomendam o estudo de obras mediúnicas? Espiritismo é ciência!

– Ciência? Não! Espiritismo é religião!

– Não era o que Kardec demonstrava. Você já leu A Gênese?

– Nossa, já dei uma folheada, mas muito difícil e, como eu disse, ultrapassada! Imagine que eles acreditavam que tinha vida na lua!!

– Mas, amigo, isso era coisa da ciência humana da época. Só que tem a parte da ciência espírita.

– Ciência Espírita?

– Sim, aquilo que foi desenvolvido pelo estudo metodológico de Kardec, com o uso da razão e com a necessidade da confirmação universal dos ensinamentos dos Espíritos. Mas, assim, se existe um grupo de médiuns na casa, como ele se formou?

– Ah, eles são médiuns bem antigos da casa, e o grupo é fechado.

– Mas e a mediunidade das outras pessoas?

– Ah, se aparecer algum médium “bom” por lá, ele tem que passar por um curso de 5 anos de Espiritismo!

– Mas que curso, se não estudam Kardec?

– Não, aí, lá, tem umas cartilhas da FEB, onde aborda Kardec…

– Pelo menos alguma coisa!

– E aí tem o complemento com obras mediúnicas. Você já viu as obras do Ramatis, sobre mediunidade??

– Meu Deus…

– Quê?

– Amigo, Ramatis é um pseudossábio.

– Pseudo o que?

– Quer dizer que ele se faz passar por sábio, mas tem vários absurdos nessas obras. A gente nem sabe, na verdade, se é só um Espírito, porque qualquer um pode usar esse nome.

– Mas eu já vi algumas coisas dele, pareciam coerentes

– Coerentes? Bom, sendo um Espírito, é claro que alguma coisa ou outra haverá de verdade… Mas o problema é que aceitam o que esse ou esses Espíritos dizem sem nem raciocinar! Essas obras são misticistas, e não doutrinárias.

– Como não são doutrinárias? A mesma coisa que ele diz, muitos outros também dizem. Não é isso?

– Não só isso. É preciso submeter isso à razão, o que demanda conhecimento. Aquilo que já está estabelecido por esse processo, só pode ser desfeito pelo mesmo processo, isto é, não basta que digam a mesma coisa em todo lugar, quando não há controle, nem método, nem racionalidade. Por exemplo: Ramatis fala sobre sete corpos espirituais, o que é místico – sabe aquelas coisas de números bíblicos, cabalísticos? Então!

Kardec já demonstrou, pelos estudos junto aos Espíritos e de forma científica, que o que existe é o perispírito, formado pelo fluido cósmico universal. Só isso. Essa história de sete corpos, além de tudo, é materialista.

– Amigo, eu não tô é entendendo mais nada! Quer dizer que tudo o que me disseram é errado?

– Nem tudo, mas grande parte. Quando o Espiritismo foi disseminado no Brasil, o

Movimento Espírita já estava desgastado e enfraquecido, por uma adulteração de princípios após a morte de Kardec.

Bom, a pergunta é a seguinte: você tem vontade de estudar, ou está confortável com o que vive nesse centro?

– Ah, eu me sinto bem, e é tão difícil tentar entender Kardec!

– Realmente, tem coisas difíceis de entender em Kardec. Mas o estudo dedicado da Revista Espírita, de 1858 a 1864, ajuda a entender muito! Além disso, existem muitos grupos de estudo, e eu mesmo participo de um. Mas, veja, são grupos de estudo. Não tem professor, nem é curso.

Dê uma chance, estude, e sua razão te levará, com a intuição dos bons Espíritos, pelo caminho mais adequado a você.

– É… Vou pensar…

——————————————————————-

Não quis dar título a esse texto. Não precisamos dar nomes taxativos. Basta que entendamos a distância que existe entre o Movimento Espírita e o Espiritismo. Essa distância precisa ser vencida pelo diálogo, pelos fatos, mas somente por aqueles abertos ao diálogo e ao aprendizado. Não adianta lutar contra os renitentes.

Umbral e a base doutrinária

“O que é umbral?”; “quem vai para o umbral?”; “qual é o significado de umbral?”; “o que o Espiritismo diz do umbral?”. Os adeptos do movimento espírita estão tão preocupados com algo que, em verdade, não tem razão de ser – não como eles imaginam que seja.

Penso que se perde muito tempo sobre esse assunto, o “Umbral”, que é ponto pacífico na Doutrina (portanto, resultado do método científico de pesquisa): não passa de criação mental de Espíritos apegados, em sofrimento, quando não são ideias intencionalmente cultivadas e transmitidas com o fim de atrasar. Tanto isso é fato, que, antes do Espiritismo, o Espírito se diria sofrendo no fogo do inferno e, antes do catolicismo, diria estar no Tártaro. Não são locais, são estado de alma e, se você busca fazer o bem, com todas as suas forças e com todo o seu entendimento, não deve se preocupar com esse sofrimento **moral**.

Portando, a pergunta “o que é o umbral” fica assim respondida: é uma alegoria, uma figura de linguagem, representando um estado de alma. Também pode ser uma alegoria para representar essa camada espiritual mais densa, dos Espíritos mais ligados à matéria. Esse é o significado de “umbral” e, “quem vai para o umbral”, é todo aquele que esteja apegado às imperfeições, à materialidade, sabendo, contudo, que essa é uma ideia alegórica para ilustrar um estado anterior.

Quando se foca no que se quer, por ideias prévias, deixa-se passar os detalhes importantes da obra. Eis o que vamos demonstrar. Este é um trabalho simplório de análise do artigo “Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?”, de Paulo da Silva Neto Sobrinho, por Paulo Degering Rosa Junior.

O estudo de Paulo Neto sobre o umbral

No estudo apresentado por Paulo Neto, “Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?”, há alguns problemas iniciais. Verifiquemos, por exemplo, as diferenças muito sensíveis entre a primeira edição de O Céu e o Inferno e a edição utilizada por ele. Na primeira edição:

> *Na maioria dos casos, ele é infeliz neste mundo por sua própria culpa, mas, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir para a Terra, **onde expia não apenas as faltas atuais**, mas as faltas anteriores que não foram reparadas, sofre numa vida de provas o sofrimento imposto a outros numa outra existência. As vicissitudes que o homem experimenta são simultaneamente um castigo temporário e uma advertência quanto às imperfeições de que se deve desfazer para evitar desditas futuras e progredir para o bem.*
>
> *KARDEC, Allan. O Céu e o Inferno, 1868 (edição original).*

Já na edição citada por Paulo Neto:

> *[…] Na maior parte das vezes ele [o homem] é infeliz por sua própria culpa; porém, se é imperfeito, é porque já o era antes de vir à Terra, **expiando não somente faltas atuais**, mas faltas anteriores não reparadas. Sofre em uma vida de provações o que fez sofrer a outrem em anterior existência. As vicissitudes que experimenta são, ao mesmo tempo, uma correção temporária e*

uma advertência quanto às imperfeições que lhe cumpre eliminar de si, a fim de evitar males futuros e progredir para o bem. […].

NETO, Paulo. Umbral: Há base doutrinária para sustentá-lo?. Disponível em: http://www.paulosnetos.net/artigos/send/6-ebook/806-umbral-ha-base-doutrinaria-para-sustenta-lo. Acesso em: 20 abr. 2023.

Consegue notar que a diferença no emprego do verbo *expiar* causa toda uma mudança de ideias? Na primeira versão, de Kardec, é claro que o homem expia **na Terra**. Na versão utilizada por Neto, é possível depreender que a expiação começa antes de vir à Terra, o que não seria verdade, segundo as conclusões doutrinárias.

Não só: essa edição, de Paulo Neto, não condiz nem sequer com a 4a edição em francês, já adulterada:

Le plus souvent, il est malheureux ici-bas par sa propre faute ; mais s'il est imparfait, c'est qu'il l'était avant de venir sur la terre ; il y expie non seulement ses fautes actuelles, mais les fautes antérieures qu'il n'a point réparées ; il endure dans une vie d'épreuves ce qu'il a fait endurer aux autres dans une autre existence. Les vicissitudes qu'il éprouve sont à la fois un châtiment temporaire et un avertissement des imperfections dont il doit se défaire pour éviter les malheurs futurs et progresser vers le bien.

Na maioria das vezes, ele é infeliz aqui embaixo por sua própria culpa; mas se ele é imperfeito, é porque o era antes de vir à terra; ele expia ali não apenas suas faltas atuais, mas as antigas faltas que não reparou; ele suporta em uma vida de provações o que fez os outros suportarem em outra existência. As vicissitudes que ele experimenta são ao mesmo tempo um castigo temporário e um aviso das imperfeições das quais ele deve se livrar para evitar futuros infortúnios e progredir para o bem.

KARDEC, Allan. O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo. 4ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2019. Disponível em: https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/886/o-ceu-e-o-inferno-ou-a-justica-divina-segundo-o-espiritismo. Acesso em: 20 abr. 2023.

É evidente notar que Kardec, na primeira edição e também na quarta, reafirma que a expiação se dá na Terra, e depreender o contrário seria supor que o Espírito expie, materialmente, no mundo espiritual, o que está intrinsecamente ligado às ideias de inferno, purgatório, umbral e etc.

Sigamos.

Revista Espírita

Um dos artigos mais interessantes da RE é o "Sobre os Espíritos que se creem ainda vivos", da Revista Espírita de 1864:

> *Nem tudo é prova na existência; a vida do Espírito continua, como já vos foi dito, desde seu nascimento até o infinito; para uns, a morte não é senão um simples acidente que não influi em nada sobre o destino daquele que morre. Uma telha caída, um ataque de apoplexia, uma morte violenta, muito frequentemente, não fazem senão separar o Espírito de seu envoltório material; mas o envoltório perispiritual conserva, pelo menos em parte, as propriedades do corpo que acaba de sucumbir. Num dia de batalha, se eu pudesse vos abrir os olhos que possuis, mas dos quais não podeis fazer uso, veríeis muitas lutas continuarem, muitos soldados subir ainda ao assalto, defender e atacar os redutos; vós os ouviríeis mesmo produzir seus hurras! e seus gritos de guerra, no meio do silêncio e sob o véu lúgubre que segue um dia de carnagem; o combate acabou, eles retornam aos seus lares para abraçar seus velhos pais, suas velhas mães que os esperam. Algumas vezes, esse estado dura muito tempo para alguns; é uma continuação da vida terrestre, um estado misto entre a vida corpórea e a vida espiritual. Por que, se foram simples e sábios, sentiriam o frio do túmulo? Por que passariam bruscamente da vida para a morte, da claridade do dia à noite? Deus não é injusto, e deixa aos pobres de Espírito esse gozo, esperando que vejam seu estado pelo desenvolvimento de suas próprias faculdades, e que possam passar com calma da vida material à vida real do Espírito.*

Temos, em O Livro dos Espíritos, a conhecida questão 1012, que, a meu ver, Neto desconsiderou em total para focar apenas em "já respondemos essa pergunta", fazendo uma suposição de que ela se referiria à questão 87. Essa questão, por sua vez, interpretou como quis, não levando em consideração a linguagem muitas

vezes figurativa utilizada pelos Espíritos:

> *1012. Haverá no universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seu merecimento? "Já respondemos a essa pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado existe especialmente destinado a uma ou outra coisa. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme seja mais ou menos adiantado o mundo em que habitam."*
>
> *a) — De acordo, então, com o que vindes de dizer, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?*
>
> *"São simples alegorias: por toda parte há Espíritos ditosos e desditosos. Entretanto, conforme também já dissemos, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia; mas podem reunir-se onde queiram, quando são perfeitos."*
>
> *A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só na imaginação do homem existe. Provém da sua tendência a materializar e circunscrever as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender.*
>
> *KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2019. Disponível em: https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/2/o-livro-dos-espiritos. Acesso em: 20 abr. 2023.*

87. *Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço?*

"Estão por toda parte. Povoam infinitamente os **espaços infinitos**. Vós os tendes de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, pois há **regiões interditas aos menos adiantados**."

Recorrendo à questão 87, note: "Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos". Espaço não é Universo. O Espaço é infinito; o

Universo, não. Universo é material, cíclico, tem começo e tem fim, assim como a matéria. O Espaço, não.

Quando, ao final, ele assevera que "**há regiões interditas aos menos adiantados**", Neto tomou uma frase figurativa por uma frase literal. Ainda assim, se considerarmos o fato de que os menos adiantados não se desprendem do cenário material com facilidade, podemos facilmente supor a dificuldade de viver em regiões materiais que dão lugar a encarnações de Espíritos mais adiantados.

De volta à RE, temos em 1858, "O Tambor de Berezina":

> *28. – Vês outros Espíritos ao teu redor?*
>
> *– Sim, muitos.*
>
> *29. – Como sabes que são Espíritos?*
>
> *– Entre nós, vemo-nos tais quais somos.*
>
> *30. – Com que aparência os vês? – Como se podem ver Espíritos, mas não pelos olhos.*
>
> *31. – E tu, sob que forma aqui estás?*
>
> *– Sob a que tinha quando vivo, isto é, como tambor.*
>
> *32. – E vês os outros Espíritos com as formas que tinham em vida?*
>
> *– Não. Nós não tomamos uma aparência senão quando somos evocados. Fora disso vemo-nos sem forma.*

Ainda no mesmo ano, em "Palestras de além-túmulo — Senhora Schwabenhaus. Letargia Extática":

> *29. – Sob que forma estais entre nós?*
>
> *– Sob minha última forma feminina.*
>
> *30. – Vós nos vedes tão distintamente quanto se estivésseis viva?*
>
> *– Sim. 31. – Desde que aqui vos encontrais com a forma que tínheis na Terra, é*

pelos olhos que nos vedes?

– Não, o Espírito não tem olhos. Só me encontro sob minha última forma para satisfazer às leis que regem os Espíritos quando evocados e obrigados a retomar aquilo a que chamais perispírito.

Na Revista Espírita de março de 1860, Kardec, conversando (via médiuns) com três Espíritos distintos, questiona um deles, o Espírito de Charles Dupont, aquele envolvido na "História de um Danado", Espírito inferior, bastante atrasado e muito ligado ainda à matéria. Kardec pergunta sobre como ele vê o Espírito do Dr. Vignal, pessoa viva, evocado para aquele estudo:

53. – Vedes o Espírito do doutor, com o qual conversamos?

– Sim.

54. – Como o vedes?

– Vejo-o com um envoltório menos transparente que o dos outros Espíritos.

55. – Como percebeis que ele ainda está vivo?

***– Os Espíritos comuns não têm forma aparente**. Este tem uma forma humana; está envolto numa matéria semelhante a uma névoa, que repete sua forma humana terrena. **O Espírito dos mortos não tem mais esse envoltório, pois está desprendido dele**.*

Ou seja: os Espíritos continuam afirmando que, para eles, a forma não é nada. No último caso, o Espírito de Charles Dupont, sendo inferior, ele mesmo afirma o mesmo princípio: os Espíritos comuns (desapegados) **não têm forma aparente**. Kardec percebe, baseado em tudo isso, que, quando afirmam em contrário, estão em estado de sofrimento. Sempre. O grande erro, me permita repetir, é querer dizer que, fora do estudo metodológico, basta colher algo que se diga em todo canto e isso se torna verdadeiro. Fosse assim, deveríamos incluir duendes, fadas e sereias na Doutrina Espírita.

Não basta e não podemos simplesmente acreditar nos Espíritos

Daí em diante, Paulo Neto passa a catalogar diversas afirmações de Espíritos, após Kardec — dentre eles André Luiz — e outras conclusões de Espíritas ou Espiritualistas que, colocando de lado a Doutrina, ficaram com suas conclusões parciais.

É um problema muito grande pressupor que basta a comunicação universal dos Espíritos para a aceitação de uma nova ideia doutrinária. Não: ela deve também atender à razão e respeitar aquilo que já foi galgado pelo mesmo método. Assim, quando muita gente lê um livro que fala em "umbral", muita gente passa a aceitar essa ideia, que se torna ilusão no pós morte; que se torna ilusão em "desdobramentos"; que o médium insere, enfim, pelas próprias ideias, ao traduzir um pensamento de um Espírito, durante uma comunicação.

É notável constatar que, no meio espírita, existe grande preocupação se, ao morrer, vai-se para "Nosso Lar" ou para o "Umbral". Como "Nosso Lar" não poderia suportar bilhões de Espíritos em seus leitos e lares, logo surgiram centenas de novas "colônias", cada uma situada, asseveram, sobre certas cidades ou regiões da Terra. O espírita deixou de estar preocupado com sua moral, mediante seu progresso espiritual, para estar preocupado se será castigado com o umbral ou premiado com uma cama confortável e sopa quente em Nosso Lar ou em outra "colônia" qualquer!

Neto interpreta de forma incorreta os conceitos de expiação e punição. Digo isso com segurança, porque Kardec e os Espíritos estavam se utilizando de conceitos presentes naquela época, galgados no Espiritualismo Racional, para se expressarem.

Quando o autor cita o artigo "O Dia de Todos-os-Santos", na RE de 1862, temos um trecho destacado em negrito: "[…] infelizes Espíritos que suportam as angústias da punição e do isolamento". Acontece que "punição" era considerada a consequência legítima do mal, e não uma ação externa de uma força punitiva. A punição do pai irresponsável, por exemplo, é ver seu filho amado seguir um mau caminho. Se o pai é responsabilizado pela justiça humana e preso por sua irresponsabilidade, isso, talvez, para ele não signifique absolutamente nada,

frente à real punição que ele próprio sofre. A punição não é algo externo, imposto, senão pela decorrência da Lei natural. Entendemos, assim, o Espiritismo sob outro ponto de vista, muito mais congruente.

Por não entender essa ideia fundamental, Neto infere que sofrimento ou prazer, no mundo espiritual, é uma condição externa, materialista, como já demonstrei.

Em seguida, Neto dá enfase ao trecho seguinte:

> *"Meu caro irmão, que horríveis tormentos para todos esses [aqueles que escolheram o caminho do materialismo]! É exatamente como diz a Escritura: "Haverá choro e ranger de dentes". Eles serão mergulhados no abismo profundo das trevas. Esses infelizes são vulgarmente chamados os danados e, posto seja mais exato chamá-los os punidos, nem por isso sofrem menos as terríveis torturas que se atribuem aos danados em meio às chamas. Envoltos nas mais espessas trevas de um abismo que lhes parece insondável, posto não seja circunscrito, como vos ensinam, experimentam sofrimentos morais indescritíveis, até abrirem o coração ao arrependimento."*

Nesse trecho, Neto se atém à ideia de "abismo profundo de trevas", sem se atentar para o fato de que esse abismo, se lhes parece insondável e não é circunscrito, não pode existir senão como criação mental de Espíritos sofredores, sendo, portanto, efêmero. Evoquemos esses Espíritos e lhes auxiliemos a entender que suas dores são morais, e não físicas, e desaparecem os abismos, a lama, etc., para dar lugar à consciente compreensão de seu estado, à reflexão e, por conseguinte, à escolha pela expiação, onde terão a nova oportunidade de trabalharem sobre seus apegos passados.

Você sabia que existem Espíritos que se colocam em tais circunstâncias por terem cometido um erro e por acreditarem na Doutrina do Pecado? Sim. Pode, por exemplo, um indivíduo ter matado outro, porque acreditou que o outro vinha lhe tirar a vida. Crê que isso é um pecado e, assim, se submete mentalmente a esse sofrimento, que externaliza em criações fluídicas (que não são matéria como a nossa, mas, sim, algo muito mais sutil, formada pela "condensação" do Fluido Cósmico Universal). Faça-o entender que esse aparente erro nasceu de uma reação instintiva; que Deus não pune; que ele pode buscar, em novas vidas, trabalhar esse instinto, para dominá-lo pela vontade; que, enfim, aquele que ele matou não tem nada contra ele, pois entende seu erro, e esse Espírito se

desvencilhará de tais ideias, realmente perturbadoras.

O próprio André Luiz deixa isso transparecer quando cita o caso da moça que, havendo morrido, seu Espírito não queria sair de dentro do caixão, pois acreditava que o próprio Cristo viria lhe tirar dali, submetendo-a ao julgamento.

No mais, o autor, por uma ideia prévia, adota um paradigma que o leva a entender todos os exemplos dados segundo o que lhe convém. Ao citar "esferas espirituais", "camadas espirituais", não percebe que se trata de uma linguagem figurada e, nesse último caso, em referência à classificação dos Espíritos por "camadas", como é feito na Escala Espírita. Aliás, isso está bem claro na questão nº 1017 de OLE, que o prezado Paulo Neto não incluiu em sua apreciação (grifos meus):

> *1017 [1016]. Alguns Espíritos disseram estar habitando o quarto, o quinto céus, etc. Que queriam dizer com isso?*
>
> *"Se lhes perguntais que céu habitam, é que formais ideia de muitos céus dispostos como os andares de uma casa. Eles, então, respondem de acordo com a vossa linguagem.* ***Mas por estas palavras quarto e quinto céus exprimem diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade****. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se está no inferno. Se for desgraçado, dirá sim, porque, para ele, inferno é sinônimo de sofrimento. Sabe, porém, muito bem que não é uma fornalha.* ***Um pagão diria estar no Tártaro****."*
>
> *O mesmo ocorre com outras expressões análogas, tais como: cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda ou terceira esfera, etc., que apenas são alegorias usadas por alguns Espíritos, quer como figuras, quer, algumas vezes, por ignorância da realidade das coisas, e até das mais simples noções científicas.*

Quando se foca no que se quer, por ideias prévias, deixa-se passar os detalhes importantes da obra.

A Condessa Paula – O Céu e o Inferno

Muita gente usa o caso desse Espírito, da Condessa Paula, apresentado em O Céu e o Inferno, para dar base às suas teorias de “cidades astrais”.

> *O que são os vossos palácios e os vossos salões dourados ante as moradas aéreas, o vasto campo do espaço matizado de cores que fariam empalidecer o arco-íris? Que são os vossos passeios passo a passo nos parques, ante a viagens através da imensidão, mais rápidas do que o relâmpago? O que são os vossos horizontes limitados e carregados de nuvens, ante o grandioso espetáculo dos mundos a se moverem no universo sem limites, sob a poderosa mão do Altíssimo?*
>
> *Como os vossos concertos mais melodiosos são tristes e ruidosos, ante esta harmonia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras da alma? Como as vossas grandes alegrias são tristes e insípidas ante a inefável sensação de felicidade que incessantemente satura o nosso ser à maneira de um eflúvio benfazejo, sem nenhuma mescla de inquietação, nenhuma preocupação, nenhum sofrimento! Aqui tudo respira amor e confiança e sinceridade. Por toda parte corações amantes, por toda parte vemos amigos, nada de invejosos e ciumentos. Esse é o mundo em que me encontro, meu amigo, e todos vós o atingireis infalivelmente seguindo o caminho certo.*

Infelizmente, muitos param nas leituras dos pontos que lhes interessam. Quando o Espírito fala em “moradas aéreas”, pronto, isso já é suficiente para afirmarem que ela falava das cidades espirituais! A que ponto levam os vieses adotados com pressa…

Logo em seguida à citação de “moradas aéreas”, ele continua:

> *[…] o vasto **campo do espaço** matizado de cores que fariam empalidecer o arco-íris? Que são os vossos passeios passo a passo nos parques, ante a **viagens através da imensidão, mais rápidas do que o relâmpago**? O que são os vossos horizontes limitados e carregados de nuvens, ante o **grandioso espetáculo dos mundos a se moverem no universo sem limites**, sob a poderosa mão do Altíssimo?*

Esse Espíritos está falando do **Espaço**! Não está falando de cidades astrais, mas do **Espaço**! "Moradas aéres" é uma linguagem figurada para dizer do Espaço, "acima" de nós!

Ela continua:

> *Entretanto uma felicidade uniforme logo aborreceria. Não penses que a nossa felicidade esteja livre de vicissitudes. Não se trata de um concerto perpétuo, nem de uma festa sem fim,* ***nem de beatífica contemplação através da eternidade****. Não.* ***É o movimento, a vida, a atividade****. As ocupações, embora isentas de fadigas, apresentam incessante variedade de aspectos e de emoções, pelos mil incidentes que as continham.* ***Cada qual tem a sua missão a cumprir, seus protegidos a assistir, amigos da Terra a visitar, processos da Natureza a dirigir, almas sofredoras a consolar****. Há um vaivém,* ***não de uma rua para outra, mas de um mundo para outro****. As criaturas se reúnem, se separam para novamente se juntarem; encontram-se aqui e ali, conversam sobre o que fazem, felicitam-se pelos sucessos obtidos; entendem-se, assistem-se mutuamente nos casos difíceis. Enfim, asseguro-te que ninguém dispõe de um segundo de tempo para se enfadar.*

O que existe "do lado de lá", para os Espíritos desapegados, é a atuação na criação divina! É o trânsito pelo Espaço infinito, onde se reúnem, aqui e ali, com outros Espíritos, para atuar nos processos da Natureza, no consolo às almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas! É isso, e não uma vida limitada por paredes e falsas necessidades fisiológicas!

Conclusão

É importante destacar, porém, que, se tais criações existem, é porque Deus permite. Na verdade, isso é algo ligado à própria benevolência divina, que garante, a cada um, o desenvolvimento gradual e sem choques. No artigo "Sobre os Espíritos que se creem ainda vivos", da Revista Espírita de 1864, consta uma importante comunicação espiritual, da qual tiramos o seguinte trecho:

> *Nem tudo é prova na existência; a vida do Espírito continua, como já vos foi dito, desde seu nascimento até o infinito; para uns a morte não é senão um simples acidente que não influi em nada sobre o destino daquele que morre.*

> *Uma telha caída, um ataque de apoplexia, uma morte violenta, muito frequentemente, não fazem senão separar o Espírito de seu envoltório material; mas o* ***envoltório perispiritual*** *conserva, pelo menos em parte, as propriedades do corpo que acaba de sucumbir. Num dia de batalha, se eu pudesse vos abrir os olhos que possuis, mas dos quais não podeis fazer uso, veríeis muitas lutas continuarem, muitos soldados subir ainda ao assalto, defender e atacar os redutos; vós os ouviríeis mesmo produzir seus hurras! e seus gritos de guerra, no meio do silêncio e sob o véu lúgubre que segue um dia de carnagem; o combate acabou, eles retornam aos seus lares para abraçar seus velhos pais, suas velhas mães que os esperam. Algumas vezes, esse estado dura muito tempo para alguns; é uma continuação da vida terrestre, um estado misto entre a vida corpórea e a vida espiritual. Por que, se foram simples e sábios, sentiriam o frio do túmulo? Por que passariam bruscamente da vida para a morte, da claridade do dia à noite? Deus não é injusto, e deixa aos pobres de Espírito esse gozo, esperando que vejam seu estado pelo desenvolvimento de suas próprias faculdades, e que possam passar com calma da vida material à vida real do Espírito.*

Vemos, portanto, que a existência de tais "lugares" é um fato, permitido pela benevolência divina, àqueles que ainda não estão desenvolvidos para compreender algo acima e fora da matéria e das necessidades materiais.

Lembramos aquilo que está estampado em nossa página inicial:

> ***Generalidade e concordância*** *no ensino, esse o caráter* ***essencial*** *da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que* ***todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina****. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.*
>
> *Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos,* ***passada, ao demais, pelo critério da lógica****, é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a* ***perpetuidade****.Allan Kardec – A Gênese*

Kardec deu o guia seguro para o método de pesquisa, frequentemente apresentando-o na RE. Atuais resgates da ciência de então permitem aprofundar

esse conhecimento. O espírita precisa aprender a estudar, do mesmo jeito que, quem não estuda as Ciências, termina acreditando em teorias como as da Terra plana. Defendo que o mais interessante é retomar Kardec, entender a ciência espírita (o que depende de entendimento científico de seu contexto e da atualidade) e, então, retomar o contato com os Espíritos. Havendo desapego de ideias próprias e o firme propósito de pesquisa, será muito fácil retomar o passo, desanuviando essa confusão causada no Movimento Espírita com um único propósito: atraso do progresso moral.

Não falamos ao Movimento Espírita

Terminei um dos últimos artigos falando a respeito do Movimento Espírita, apegado aos erros que foram lenta e continuamente sendo admitidos no meio dele, apagando, lentamente, o conhecimento doutrinário ora adquirido pelos estudos de Kardec.

Erros? Ah, vários. As ideias de lugares na erraticidade; a ideia da reencarnação como pagamento de dívidas; a proibição de conversar com os Espíritos fora do centro espírita; a aceitação cega de comunicações isoladas, sem passar pelo crivo da ciência já adquirida e da razão; a *igrejização* dos centros espíritas, que passaram a adotar rituais e fórmulas, enfim, uma série de contrariedades àquilo que já havia sido estabelecido pelo estudo científico do Espiritismo.

E quem sou eu para apontar tais erros? Bem, sou um mero estudante da Doutrina que, depois de ter contato com uma série de fatos históricos e mergulhar no estudo da Revista Espírita, encontrou tanta disparidade. Mas, dizia eu, não é ao Movimento Espírita, resistente ao desapego das ideias fixadas por anos, às vezes décadas, de leituras de romances espíritas, sem passar, antes, pelo estudo da Doutrina Espírita. Também não àqueles que, em sua simplicidade, estão muito tranquilos em se dizerem adeptos da Doutrina, mas que dela não fazem estudos, nem tampouco se dedicam a divulgá-la. Não.

Tal como na época de Kardec, com as diferenças resguardadas, nós nos direcionamos aos estudiosos, pesquisadores e cientistas de boa-fé (e não de fé cega) que se interessem em conhecer aquilo que lhes é desconhecido. São esses que vão buscar entender e que, quando houverem entendido, espalharão as ideias que nasceram com Mesmer e com o Espiritualismo Racional e que encontraram pleno desenvolvimento com o Espiritismo. São esses que terão os olhos brilhando e, quem sabe, terminem emocionados como nós outros, ao constatarem no Espiritismo uma vasta profundidade de conhecimentos filosóficos, metafísicos, científicos e morais. O matemático, o físico, o químico, enfim, todos aqueles, de bom-senso, verão, maravilhados, a extensão da doutrina formada pelos estudos de Kardec, cuja figura ascenderá às mais elevadas condições de destaque entre os nomes que mudaram o mundo…

Estamos aqui, enfim, ansiosos e esperançosos pelo desenrolar dos últimos estudos, das últimas pesquisas. Enquanto não temos acesso aos conteúdos das últimas pesquisas que valiosos companheiros estão realizando, nos resta falar do que sabemos, do que entendemos até aqui, produzindo algo que, esperamos, seja útil amanhã, quando a Ciência começar a deixar o dogma e retomar a metafísica racional, o espiritualismo racional, mas, desta vez, com um enorme lastro de conhecimentos que tocam em todas as áreas do conhecimento humano, com seus já conhecidos aspectos filosóficos e morais.

Estamos muito contentes pelo caminho que se abre à nossa frente. E esperamos que você, sentido-se contagiado, também esteja. O Espiritismo voltará à sua condição de ciência, afastado do misticismo e do dogma. Quanto aos resistentes e aos dissidentes, o tempo encarregará de mostrar onde está a verdade, com a diferença que, quando a Ciência admitir o Espiritismo, isso, desta vez, será definitivo, e mudará o mundo.

Prezado leitor: se você sentir-se compelido, participe dos estudos, mas também ajude na divulgação do que já temos em mãos. São conhecimentos que tocam em todas as áreas e que poderão contar com a familiaridade de cada um. Vídeos são bons, mas não bastam, porque ainda não são pesquisáveis, isto é, aquilo que se trata em um vídeo, falando, não está acessível às ferramentas de busca. O texto está.

Esperamos você.

A dogmática ciência moderna: Ciência versus Espiritismo

Acabo de responder uma objeção relacionada ao tema sobre Ciência versus Espiritismo (o sujeito quis imputar Espiritismo à imaginação). Achei interessante reproduzi-la aqui:

"X, está evidente que você fala do que acha que é, ou seja, fala de opinião própria. Isso não é ciência. Provavelmente o amigo desconhece que a Ciência (com "C" maiúsculo) foi formada juntamente à metafísica, e que os grandes gênios do passado, foram, também, grandes filósofos, tratando da questão de Deus e da Criação afastados, porém, da teologia, dogmática e retrógrada. Natural, pois a Ciência, tornando-se tão dogmática quanto a Igreja, virou as costas para a metafísica, tachando de supersticioso, místico ou louco aquele que ouse tocar no assunto sobre Deus ou sobre a espiritualidade, ainda que de forma racional. Pois bem, amigo. Foi justamente o que fizeram aqueles que deram início ao Espiritualismo Racional, no séc XIX, e foi precisamente o que fez Kardec no estudo de certos fenômenos que, apesar de atravessarem a humanidade, eram tratados e forma dogmática, tanto pela Igreja, quanto pela Ciência.

O que a Ciência moderna não percebe, porque colocou no esquecimento esse conhecimento, é que, ao agir como age, age como a Igreja. Enquanto esta conduzia o homem pelo dogma da queda pelo pecado e do castigo, aquela conduz o homem pelo dogma do materialismo. Tanto uma, quanto a outra, tornam-no ausente de suas responsabilidades: a última, porque submete o homem à vontade de terceiros — age-se mau pela influência do diabo e age-se bem pela influência do cristo — e a primeira porque torna o homem essa máquina que age desta ou daquela forma simplesmente por força das sensações, agindo quimicamente sobre seu cérebro ((não excluindo daqui, é claro, a influência que a "química corporal" e mesmo a genética tem sobre o indivíduo. Apenas destaca-se que não são os únicos fatores, porque, frente a uma grande tentação, o indivíduo pode escolher, por sua vontade, não ceder a ela.)). Caem no mesmo erro de certos cientistas antigos, que atribuíam o bom e o mau proceder à bile branca e à bile negra. A diferença,

apenas, é que a ciência moderna não trata o psicológico com sanguessugas, mas com comprimidos.

Dizia eu que a Ciência, no passado, tratava da metafísica, de forma racional (e, lógico, nada misticista). Acontece que, para ela, faltava uma chave, assim como faltava para a psicologia de então, que investigava o homem como alma encarnada apenas pelos processos de indução e extrapolação lógicas. Essa chave, quem veio dar, foi o Espiritismo, não esse falso "espiritismo", colhido nas entrelinhas de falsas ideias, surgida de erros e opiniões de supostas obras mediúnicas, mas o *Espiritismo* estudado por Kardec, com metodologia, aquele Espiritismo que, há mais de 150 anos, adiantou conhecimentos, ou caminhos para eles, que apenas agora a Ciência moderna passa a constatar. Importante, claro, separar os erros, naturais da parte humana, galgados na ciência da época (como a teoria dos fluidos), dos acertos da parte que tange à lei natural. O que Kardec fez foi investigar as causas de certos efeitos, de onde depreendeu uma Doutrina, que toca não apenas na questão de certos fenômenos materiais, mas que é toda de aspecto moral.

O pesquisador e o cientista que tivessem a boa-fé de investigar as obras "O Céu e o Inferno" e "A Gênese" (com o cuidado de referir-se às recentes edições da FEAL, onde temos segurança de serem as obras originais de Kardec, intocadas) encontrariam, com grande surpresa, algo muito diverso daquilo que pensavam que era o Espiritismo, e, por mais que pudessem terminar discordando, ao imputar a Kardec seja lá o que for, não poderiam concluir esse estudo sem constatar que ele se lançou com muita seriedade a essa pesquisa, que constituiu algo que, diferentemente do que você acha, não foi uma religião."

Novos Horizontes

No primeiro semestre de 2021, tive — e eu nem lembro mais como — contato com a obra de Simoni Privato — O Legado de Allan Kardec — obra essa que muito me abalou, frente ao entendimento de tudo o que aconteceu com o Movimento Espírita francês, após a morte de Kardec, e o quanto isso definiu o rumo desse

movimento no século seguinte, em especial no Brasil. Em seguida, “por acaso”, alguém postou, em um grupo, um questionamento sobre uma obra recém-lançada, na época: “Nem céu, nem inferno”, de Lucas Sampaio e Paulo Henrique de Figueiredo (PHF). O primeiro pensamento foi: deve ser um absurdo. Mas o título era desafiador demais para deixar passar. Resolvi pesquisar e encontrei um artigo, em um blog espírita, falando sobre a obra… E, para entender quais eram as bases do que os autores afirmavam, adquiri e li a obra, com grande avidez, devo confessar.

Da leitura dessas obras, além da constatação da distância mencionada (entre Movimento Espírita e o Espiritismo), me nasceu a **necessidade** de estudar o Espiritismo nas obras de Kardec, pois o fato patente constatado é que, com pelo menos 20 anos estudando ou lendo obras espíritas, eu **não conhecia o Espiritismo**. Demérito? Nenhum. Estudei o que estava ao meu alcance. Humilhação? Só se eu julgasse que a verdade era apenas o que eu conhecia e que, fora disso, nada existiria. Mas se tem uma coisa que eu conhecia sobre Kardec, por tradição de estudos de O Livro dos Espíritos, com meu pai, era o seu grandioso empenho na busca científica da verdade, motivo que me instigou a estudar, sem apegos. Mas… Estudar o quê? O Livro dos Espíritos eu já conhecia em grande parte. A essência de O Livro dos Médiuns, também. Quero dizer: frente àquilo que estava ao meu alcance, a essência moral e científica me parecia bem compreendida.

Um fato que me chamou a atenção e que talvez a intuição tenha reforçado é que deveria haver algo de importante nessa tal “Revista Espírita”, posto que esses autores frequentemente recorriam a citações muito pertinentes e perspicazes de Kardec ou de Espíritos, contidas nesses volumes. Assim, nasceu esta iniciativa e nosso grupo de estudos… Mas isso tudo vocês provavelmente já sabem. Não é esse o ponto, somente achei interessante demonstrar, mais uma vez, o caminho que percorri até aqui, pois esse caminho está me levando para lugares nunca antes visitados.

Um fato muito importante que aconteceu nessa trajetória foi a aproximação com o Grupo de Estudos Espiritismo para Todos, o que aconteceu porque, em contato com o Paulo Henrique, ele mesmo me indicou alguém desse grupo, que estudava junto a ele as obras de Kardec e seu contexto científico. Daí, veio o conhecimento sobre o Espiritualismo Racional, que várias vezes já abordamos por aqui, um pouco sobre o Magnetismo e, mais recentemente, um aprofundamento gigantesco

em todo o contexto de Kardec, desconhecido atualmente. A metafísica, coisa totalmente desconhecida ou desconectada da ciência atual, era parte elementar dos estudos de qualquer cientista da época, e foi ela, juntamente a tudo o que a ciência fornecia, naquela época, que deu possibilidade à formação da Doutrina Espírita.

> *Da mesma forma que a Ciência propriamente dita tem como objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza que reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, disso resulta que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro; que o Espiritismo e a Ciência se completam; que a Ciência sem o Espiritismo está impossibilitada de explicar certos fenômenos recorrendo somente às leis da matéria, e por ter prescindido do princípio espiritual se encontra em meio a tantas dificuldades; que o Espiritismo sem a Ciência careceria de apoio e de controle e poderia equivocar-se. Se o Espiritismo tivesse chegado antes das descobertas científicas, teria fracassado, como tudo o que ocorre antes do seu tempo.*
>
> *KARDEC, Allan. A Gênese, 1868*

É impossível descrever, somente neste artigo, tudo o que temos estudado até agora. O leitor que nos acompanha poderá identificar, na leitura dos textos deste site, diversas sugestões e pistas que frequentemente damos e que cabe a cada um o interesse de investigar ou não. O fato é que estamos chegando a um ponto, acompanhando os estudos do amigo Paulo Henrique, em que minhas primeiras indagações começam a ser respondidas: será possível retomar o Espiritismo, estudado cientificamente, como Kardec fazia? Será possível retomar o contato com os Espíritos, dando continuidade à formação, ou mesmo à recuperação doutrinária? Sim, é possível (e escrevo isso com um sorriso no rosto).

Veja: Kardec havia compreendido e avançado sobre pontos científicos que nós jamais suspeitávamos, e isso pôde ser constatado através de um método que, em breve, será conhecido por nós e pelo prezado leitor, porque o interesse é apresentá-lo para a humanidade. Não só o método, na verdade, mas o conhecimento encontrado através dele. Em estudo com PHF, onde esse conhecimento está sendo elaborado, não pude me sentir nada mais do que muito

diminuído frente a Kardec. Me senti ignorante frente à minha compreensão prévia do Espiritismo. A cada nova constatação, eu ria, mas não era uma risada de desdém ou sarcasmo: era uma risada impossível de conter, que expressava meu nível de ignorância, frente ao tamanho que tomava a ciência espírita, formada pelos estudos de Kardec, através de anos de aprendizado junto aos Espíritos.

Nós já sabemos (e, se você não sabe, corra agora para estudar a Revista Espírita) que, no aprendizado com os Espíritos, não podemos tratá-los como reveladores, para os quais basta perguntar e eles respondem, com a teoria pronta. Não.

> *"… no mundo dos espíritos ocorre um fato muito singular, o qual seguramente ninguém havia suspeitado – os de existirem espíritos que não se consideram mortos. Pois bem: os Espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, nunca vieram dizer por antecipação: "Há Espíritos que supõem ainda viver na vida terrestre; conservando seus gostos, hábitos e instintos". Em lugar disso, provocaram a manifestação de Espíritos dessa categoria para que os observássemos. Assim, depois de ver Espíritos inseguros em relação ao seu estado, ou afirmando pertencerem a este mundo e desempenhando suas ocupações habituais, do exemplo se deduz a regra. A multiplicidade de fatos semelhantes provou não se tratar de uma exceção, mas de uma das fases da vida espiritual, permitindo estudar todas as variedades e causas dessa singular ilusão, além de reconhecer, sobretudo, ser essa situação própria de Espíritos pouco avançados moralmente, e característica de determinados tipos de morte; que é apenas temporária, mas podendo durar dias, meses e anos. Assim, a teoria nasceu da observação. O mesmo aconteceu com todos os demais princípios da doutrina."*
>
> *KARDEC, Allan. Ibidem.*

É fácil perceber, portanto, quantos conhecimentos esses estudos requerem e, num século onde cada área está nichada, isto é, onde o físico não estuda filosofia; onde o matemático não conhece botânica; onde o químico não conhece astronomia, e onde nenhum deles conhece metafísica, fica mais fácil ainda compreender a dificuldade que enfrentamos. De minha parte, reconheço: se aventurar nesses estudos não é para qualquer um, e eu só posso me portar como um ganso (porque não quero me comparar a uma galinha, seria muito humilhante), correndo atrás das migalhas que caem das mãos daquele que

plantou e que agora colhe os grãos da plantação.

Bem, como eu dizia, novos horizontes estão se abrindo e, cada um que se interesse em aprender e espalhar o conhecimento, pode e deve se lançar aos estudos, da forma que for possível a cada um. É difícil colher todo o aprendizado para retomar, por mãos próprias, o estudo científico do Espiritismo, mas quem disse que nós precisamos ser tão geniais como Einstein para entender a essência das leis do nosso universo, demonstradas por esse grande gênio? Podemos nos portar da mesma forma com o Espiritismo: basta dedicação, colocar a cabeça para funcionar e, de nossa parte, pesquisar, questionar e se aprofundar em tudo o que nos parecer nebuloso. O mais importante de tudo é que não estamos sozinhos: em grupo, a construção torna-se muito mais proveitosa, pois cada um, estando na posição de ajudar e de ser ajudado, auxilia e participa da construção do conhecimento. O que precisamos é sair da condição de professores de Espiritismo.

Terminamos nosso último estudo com o Paulo dizendo algo mais ou menos assim: "se esse conhecimento é tão interessante e transformador para nós, que somos ignorantes, imaginem para quem é inteligente!". Sim. Imagine o que será para um matemático verificar que o Espiritismo fala de matemática. Imagine o que será para o físico, para o químico, para o médico, para o filósofo, verificar que, no Espiritismo, trata-se de tudo isso, *com aspecto moral* e sem misticismo? De que tudo se depreende da Lei Natural, e de que é disso que o Espiritismo vem tratar?

Mas, para isso, é preciso vencer algumas barreiras concretadas pelo materialismo, não só na ciência, mas também dentro do movimento espírita. Primeiramente, será necessário demonstrar que a ciência moderna, ao virar as costas para a metafísica, tornou-se tão dogmática quanto a Igreja que, no passado, tratava como herege aquele que afirmava que a Terra girava ao redor do sol, ou que queimava "bruxas" por afirmarem estarem ouvindo ou vendo Espíritos. Depois, será necessário demonstrar que isso que eles acham que é Espiritismo — muitas vezes baseados em coisas absurdas que leem por aí, outras vezes baseados no que lhes apresentam conhecidos, ditos espíritas, mas dogmáticos e caminhando pelas falsas ideias, ou ainda pela falsa confusão entre Espiritismo e espiritualismo moderno, místico, supersticioso e também dogmático — será necessário demonstrar, eu dizia, que isso não é Espiritismo. Será preciso demonstrar que o Espiritismo foi (é) algo tão racional e sério, um fato inegável, que adiantou, há mais de 150 anos, verdades que apenas agora a Ciência está

constatando. Enfim, para aqueles que chegarem, pelo uso do bom-senso, a esse ponto, será necessário demonstrar que o Espiritismo, como ciência muito bem instituída em sua época, formou-se da mesma forma que todas as outras ciências de observação, sendo, portanto, racional — tão racional quanto a busca, da física atual, pela existência da matéria negra ou da existência de outros universos, guiados por efeitos cujas causas não são, e talvez nunca sejam, diretamente observáveis. Eis o desafio.

E quanto ao Movimento Espírita materialista, apegado aos erros? Esse depende da vontade de cada um. Os Espíritos, nossos bons Espíritos protetores, nos intuem ou nos direcionam a situações, a obras, a pessoas, isto é, eles nos ajudam, quando sabem que temos um mínimo de disposição. A cada um cabe o interesse em investigar. A mim, não foi suficiente me conduzirem a um lar de idosos, em momento em que **eu** precisava de ajuda, onde, não obstante haver um predomínio de cultura religiosa católica, encontrei na estante alguns volumes da Revista Espírita! Não. Eu abri, folheei, mas, naquele momento, não fui adiante. Foi necessário passar o apuro, para, somente mais tarde, dar atenção a tal obra, pelo processo explicado anteriormente. Natural que cada um siga seu caminho, e devemos respeitar as escolhas de cada um. Talvez, aqueles que se apeguem e se fechem ao conhecimento, acreditem que estão fazendo o bem, tanto quanto muitos dos que queimavam obras científicas acreditavam estar fazendo o que era certo (o que não os exime de sua responsabilidade, mas o que atenua suas faltas, perante suas próprias consciências). Apresentemos o conhecimento, se desejarmos, mas, se desejarem queimá-lo, deixemo-los, enquanto fazemos a nossa parte. O tempo se encarrega de tudo.

Bem, escrevi bastante. Fico por aqui. Preciso colher alguns grãos que ficaram pelo caminho.

Espiritismo sem Kardec?

Às portas do século XXI, é difícil observar como o movimento espírita pretende fazer Espiritismo, depois de ter esquecido, modificado e deturpado a obra de

Allan Kardec. Passados 154 anos do desencarne do professor Rivail, é muito comum encontrar literatura dita espírita em que, em pouquíssimos casos, restam apenas imagens de Kardec em capas sensacionalistas e publicitárias.

A filosofia espírita tem um método, para fins de estudo, tem princípios ou fundamentos impossíveis de separar se tentarmos praticá-la; aqui está a causa de erros tão frequentes. Diante de tal cenário, nos perguntamos:

Será que atualmente seria possível praticar, divulgar, estudar o Espiritismo, deixando de lado os conceitos sistematizados por Denizard Rivail? Será que existe espiritismo sem Kardec?

Acreditamos que voltar a Kardec, estudar Kardec através de Kardec, educar a massa de adeptos do Espiritismo sobre a necessidade de praticar esta filosofia a partir de suas bases são questões urgentes e desenvolvimento necessário, pois desta e de muitas outras maneiras adotaríamos medidas contra um movimento que perdeu a identidade da Doutrina que supostamente pratica, que supostamente divulga. Trata-se de uma medida indispensável diante de um movimento que tem sido confundido por um mar de opiniões, distorcido por ondas de cifras em vendas de livros e revistas, equivocado na exaltação de homens e mulheres que não passaram de imperfeitos instrumentos mediúnicos como todos os outros. Queridos irmãos: aí está o trabalho daquele homem firme em suas determinações, aí está o guia lógico e fundamentado, as bases que precisamos desenvolver. O ponto de partida de um destino cheio de liberdade. Vamos usá-lo!

Caminhemos juntos, e finalmente resgatemos, de uma vez por todas, o legado de Kardec sem o qual não há Espiritismo possível.

RESUMO DA LEI DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS por Allan

Kardec

Obra de 1864 de Kardec: Resumo da Lei dos Fenômenos Espiritas

---

Existe alguma outra forma de verificar a existência da alma sem experimentos?

A questão foi proposta em uma discussão, no Facebook, a respeito da resistência da ciência em investigar a alma, imputando o assunto ao misticismo e ao sobrenatural. Destaco, abaixo, minhas considerações sobre a possibilidade de verificar a existência da alma:

“Diga-me: o átomo é observável? Dirá que sim, e isso é fato: por meio de um instrumento, é possível observar o átomo, cuja investigação do comportamento leva os cientistas a teorizar em várias hipóteses.

Sem o microscópio, no passado, o homem, certamente, diria que isso é loucura ou sobrenatural. A questão é sempre atribuir ao sobrenatural aquilo que não compreendemos: esse é o ponto.

Será que somos assim, tão conhecedores de tudo, a ponto de podermos descartar o corpo como instrumento da alma?

Infelizmente, por uma virada materialista nos paradigmas filosóficos, após o final do século XIX, muitas verdades foram colocadas no esquecimento. Hoje, quando se fala em Psicologia, não se cita Victor Cousin ou Paul Janet; quando o assunto é física quântica, ninguém fala de Mesmer, que, taxado de louco, no passado, vislumbrou teorias em acordo com a física moderna.

O erro, sempre, é associar Ciência apenas com o que é observável, esquecendo-se de que a investigação científica avança, também, pela elaboração de teorias sobre

hipóteses galgadas em observações racionais. Quer ver?

“A matéria negra é uma forma de matéria hipotética que os cientistas acreditam existir no universo devido a observações astronômicas. Ela é chamada de “negra” porque não emite, absorve ou reflete luz ou outras formas de radiação eletromagnética, tornando-se invisível para nossos telescópios.

Acredita-se que a matéria negra compõe cerca de 85% da matéria do universo, mas ainda não foi detectada diretamente. Os cientistas inferem a sua existência a partir de efeitos gravitacionais que ela causa em objetos observados, como galáxias e aglomerados de galáxias.

Apesar de muitos estudos e experimentos terem sido realizados para tentar identificar a matéria negra, sua natureza ainda é desconhecida. Várias hipóteses foram propostas, incluindo partículas exóticas ainda não detectadas, buracos negros primordiais, e teorias alternativas da gravitação. A pesquisa sobre a matéria negra continua sendo uma das áreas mais importantes e intrigantes da física e da astronomia modernas.”

Diríamos que os cientistas são loucos, ao perseguirem algo que não pode ser observável por nossos instrumentos (e que talvez nunca seja), simplesmente porque observaram certos efeitos? Partindo-se do censo comum, poderíamos dizer que a matéria negra seria algo sobrenatural?

E isso para não adentrar no escopo das teorias de universos paralelos, que são uma consequência lógica de algumas teorias da mecânica quântica.

Veja: a ciência busca respostas em algo não observável, baseada meramente em efeitos. Busca a causa de um efeito. E será mesmo que os efeitos, no escopo humano, são inobserváveis – ou será que a tendência a tratar qualquer forma de espiritualismo como misticismo ou sobrenatural é apenas um preconceito em um campo onde preconceito não deveria entrar?

Diz Paulo Henrique de Figueiredo, em ”Mesmer: a ciência negada do magnetismo animal”:

> *Os magnetizadores comprovaram muito cedo as relações dos sonâmbulos com seres invisíveis. Deleuze, discípulo de Mesmer, em sua correspondência mantida com o doutor G. P. Billot por mais de quatro anos, de março de 1829*

> *até agosto de 1833, inicialmente foi relutante, mas por fim afirmou: "O magnetismo demonstra a espiritualidade da alma e a sua imortalidade; ele prova a possibilidade da comunicação das inteligências separadas da matéria com as que lhes estão ainda ligadas." (BILLOT, 1839)"*
>
> *[…]*
>
> *Por sua vez, Deleuze afirmou: "Não vejo razão para negar a possibilidade da aparição de pessoas que, tendo deixado esta vida, ocupam-se daqueles que aqui amaram e a eles se venham manifestar, para lhes transmitir salutares conselhos. Acabo de ter disto um exemplo." (Ibidem)*
>
> *[…]*
>
> *"Anos depois, o magnetizador Louis Alphonse Cahagnet (1809-1885), com coragem e determinação, conversou com os espíritos por meio de seus sonâmbulos em êxtase, principalmente Adèle Maginot, registrando em sua obra mais de cento e cinquenta cartas assinadas por testemunhas que reconheceram a identidade dos espíritos comunicantes. Cahagnet antecipou em mais de dez anos esse instrumento de pesquisa da ciência espírita.*

Vemos, portanto, que a alma é tão observável quanto a matéria negra: pelos seus efeitos inteligentes. A diferença é que o Espírito (sinônimo de alma) age por sua própria vontade.

Espiritualismo Racional e Espiritismo – uma nova divisão no meio Espírita?

Parece que alguns Espíritas – aqueles que não entenderam a proposta do Espiritismo – trabalham **pela divisão**, e não pela construção colaborativa. Encontram em todos os lugares e em todas as pessoas um objeto de suas críticas

que, se podem ter algum fundamento, quase sempre perdem-se em razão da notória falta de aprofundamento e de uma real e sólida argumentação, que apresente ponto e contraponto, não dando sentença final sobre nada que não possa ser provado ou suficientemente elaborado pela razão. Interessante, porque, justamente, são (somos) adeptos de uma Doutrina inteiramente fundada na lógica e na razão, onde evidências e hipóteses corroboram teorias, não se dando a posse sobre a verdade. Não agindo assim, Carlos Seth Bastos, do "CSI do Espiritismo", vem dizer que o tema Espiritualismo Racional e Espiritismo seria uma nova divisão no movimento espírita, sem ter a coragem (ou a vontade) de citar o nome do autor ao qual se refere.

> *A história se repetiu entre 2016 e 2020 agora no campo da moral, com o lançamento de livros que procuraram trazer pensamentos de Kant, Maine de Biran e Victor Cousin para dentro do Espiritismo, mesmo que para isso precisassem deturpar as ideias de Allan Kardec.*
>
> *Sua propagação, a pretexto de convencer as pessoas avessas à religião, nos parece o mesmo discurso de Marius George (Surpreso que a ideia espírita tinha recrutado tão poucos adeptos do exército de republicanos, foi finalmente levado a ver que o obstáculo era inteiramente devido ao disfarce místico sob o qual Allan Kardec o havia apresentado) e Émile Blin (Até que tenhamos trazido à Sociedade parisiense um número suficiente de membros para entrar neste caminho de pesquisa, devemos, para ver nossas fileiras aumentarem, convidar a vir até nós os incrédulos e os descrentes para, pela palavra, deixá-los conhecer nossas intenções, provar-lhes nosso desinteresse e persuadi-los de nossa boa fé e honestidade; então, por experiências tão simples quanto possível, por em suas mãos os meios de adquirir para si a certeza de que tudo o que propomos é real e, de fato, a doutrina imortalista é a única que, sem misticismo e sem orações, dá ao homem a consolação e a coragem no presente, e a esperança e a fé no futuro).*
>
> *Pelo menos estes discursos não se sustentaram na falácia de uma improvável adulteração das obras de Allan Kardec.*
>
> *BASTOS, Carlos Seth. Bônus adicional – O final. Espíritos sob investigação. Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L193.pdf>. Acesso em: 15/04/2023.*

Divisão no Espiritismo?

Em primeiro lugar, importa destacar que o Espiritismo não se divide. Sendo uma verdade natural, é una. Colocadas à parte as dificuldades encontradas nas comunicações feitas sem controle, o Espiritismo é um só, em todos os tempos. O que, sim, pode se dividir, é o Movimento Espírita – e essa divisão é incontável. Através do tempo, depois de Kardec, dividiu-se com a "*roustainguização*" e, depois, com incontáveis outras, por diversos motivos que não cabe citar aqui, mas que Simoni Privato, Paulo Henrique de Figueiredo e Wilson Garcia, dentre outros, contam bem em suas obras (refira-se a Obras Recomendadas).

Segundo Carlos Seth, "cabeça" do CSI do Espiritismo, agora a divisão se dá no campo moral, porque Paulo Henrique de Figueiredo – esse o autor das referidas obras, de 2018 e 2020, a quem Seth nem sequer se digna a fazer referência – estaria distorcendo falas de Kardec para implantar, na Doutrina, algo que nada tem a ver com ela. **Veremos**.

Em segundo lugar, importa abordar a sentença "a pretexto de convencer as pessoas avessas à religião". Como se fazer esforços legítimos e bem embasados para atrair o interesse de "pessoas avessas à religião" fosse um demérito, já que (1) o Espiritismo não é uma religião, (2) desenvolveu-se a partir de uma ciência, como uma ciência e (3) foi precisamente no meio não religioso que encontrou, em sua origem, a maior aderência – justamente porque grande parte dos cientistas que se tornaram adeptos do Espiritismo estavam bem compenetrados do desenvolvimento do Espiritualismo Racional e de suas constatações científicas.

Termina o autor novamente atacando quem, por outras evidências e argumentos lógicos e racionais, conclui pela probabilidade da adulteração ((A teoria da não-adulteração (de O Céu e o Inferno e A Gênese) tem também evidências e argumentos, mas não apresenta prova cabal. Arvora-se numa falácia para atacar outra (segundo defende), esquecendo-se das valiosas sugestões de Kardec: nunca tomar por final senão aquilo que pode ser provado.))

Kardec defendeu o Espiritualismo

Racional, mas Seth parece não saber disso

Antes de mais nada, porém, precisaremos evocar Kardec e questionar o porquê de ele ter defendido o tal Espiritualismo Racional – movimento filosófico-científico encabeçado por pessoas como Maine de Biran e Victor Cousin ((Por A + B, se o Espiritualismo Racional estava instituído oficialmente no ensino francês e se era um movimento sólido, fundamentado principalmente pelos autores citados, é fácil concluir, com certeza, que Kardec refere-se ao mesmo movimento, e não a outro qualquer)). Ora, vemos, na Revista Espírita de 1868, que:

> *A obra do Sr. Chassang é a aplicação dessas ideias à arte em geral, e à arte grega em particular. Reproduzimos com prazer o que dela diz o autor da crítica da Patrie, porque é uma prova a mais da enérgica reação que se opera em favor das ideias espiritualistas e que, como o dissemos,* ***toda defesa do espiritualismo racional franqueia o caminho do Espiritismo, que é o seu desenvolvimento****, combatendo os seus mais tenazes adversários: o materialismo e o fanatismo.*
>
> *O Sr. Chassang é o autor da história de Apolônio de Tiana, à qual nos referimos na Revista de outubro de 1862.*
>
> *"Esse livro, de um caráter todo especial, não foi feito por ocasião dos recentes debates sobre o materialismo e, sem a menor dúvida, é independentemente da vontade do autor que as circunstâncias lhe vieram dar uma espécie de atualidade. Escrevendo-o, o Sr. Chassang não pretendia fazer* ***obra de metafísico****, mas de simples literato. Não obstante,* ***como as grandes questões de metafísica estão atualmente, como sempre, na ordem do dia****, e toda obra literária verdadeiramente digna desse nome supõe sempre algum princípio filosófico,* ***esse livro, de uma inspiração espiritualista muito decidida, se acha em correlação com as preocupações do momento****.*
>
> *KARDEC, Allan. Revista Espírita, novembro de 1868*

Sendo que a metafísica era um dos campos de estudo das ciências filosóficas, **oficialmente** instituída na Universidade de Sorbonne:

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

(Universidade Sorbonne de Paris – século 19)

Base conceitual materialista

1. **CLASSE DE SCIENCIAS MATHEMATICAS**
2. **CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES**

Base conceitual espiritualista

1. **CLASSE DE SCIENCIAS MORAES**

- **CIÊNCIAS MATHEMATICAS OU EXACTAS**
- **CIÊNCIAS PHYSICAS E NATURAES**

- **CIÊNCIAS MORAES:**
  1. **Ciências Philosophicas**
  2. **Ciências Sociais e Políticas – Jurisprudência, Economia política e social**
  3. **Ciências Philológicas – Philologia, Etmologia, Paleografia etc.**
  4. **Ciências Históricas – História, Epigrafia, Archeologia, Numismática e Geografia**

ESPIRITUALISMO RACIONAL

CIÊNCIAS FILOSÓFICAS:

Ciências psicológicas (ESPÍRITO HUMANO)

- Psicologia experimental **– estudo dos fatos do espírito humano**
- Lógica **(razão) – estudo do verdadeiro**
- Moral teórica e prática **(vontade) – estudo do bem**
- Estética **(imaginação) – estudo do belo**

Ciências metafísicas (CAUSA PRIMEIRA)

- Psicologia racional **– (alma e corpo)**
- Cosmologia racional **– (matéria e vida)**
- Teodiceia **– (Deus, seus atributos e sua providência)**

Imagem extraída do Tratado Elementar de Philosophia, de Paul Janet

E isso não é tudo. Antes disso, em 1863, Kardec diz, no artigo intitulado “Noticias bibliográficas – O **Espiritualismo racional** pelo Sr. G. H. Love, engenheiro”:

> *Este livro notável e consciencioso é obra de um distinto cientista, que **se propôs tirar da própria Ciência e da observação dos fatos a demonstração da realidade das ideias espiritualistas**. É mais uma peça em apoio à tese que sustentamos acima. **É mais ainda, porque é um primeiro passo, quase oficial, da Ciência, na via espírita**; aliás, em breve será seguido – e disto temos certeza – por outras adesões mais ressonantes ainda, que levarão os negadores e adversários de todas as escolas a refletir seriamente*
>
> *KARDEC, Allan. Revista Espírita, outubro de 1863*

Que sandice, senhor Kardec! Defendendo ideias que, segundo algumas pessoas, não tem nada a ver com o Espiritismo! Afirmando que o Espiritualismo Racional, ao qual se refere, no texto, apenas como “ideias espiritualistas” (o que nos leva a crer que, em outras referências do tipo – “espiritualismo”, “espiritualistas”, etc – ele se referia ao mesmo Espiritualismo Racional) seria algo obtido da observação científica dos fatos! Ora, onde já se viu ciência e espiritualismo andarem juntos? Só se foi no passado, no tempo do “doido” Kardec.

Maior sandice, na verdade, é a de Paulo Henrique de Figueiredo, que resolveu investigar a fundo e descobriu que a metafísica, ao tempo de Kardec, era uma das áreas de estudo das Ciências Morais **oficialmente** ensinadas na Universidade de Paris e também na Escola Normal (refira-se a “Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo”, desse autor). Tudo isso contido em obras que, até então, eram desconhecidas ou esquecidas pelo mundo moderno.

A grande dificuldade, porém, será que todos nós, que acompanhamos o trabalho de Paulo Henrique e inclusive ele, teremos que negar a realidade, negar os documentos históricos e as obras existentes, censurar as obras de Paul Janet, negar Kardec, negar suas conclusões e suas afirmações, tudo a fim de não provocarmos uma nova cisão, “agora no campo moral”. Em outras palavras: apaguemos e adulteremos a verdade, para que a moral, da forma que eles entendem, permaneça intocada. Bem, essa sanha de tomar a verdade para si,

ignorando fatos, parece um hábito do **C**arlos **S**eth **I**nvestiga do Espiritismo, como demonstramos no artigo "CSI do Espiritismo: o órgão oficial da Verdade".

Também precisamos evocar o Espírito do Sr. Love e ter uma séria conversa com ele, a fim de esclarecer sua ousadia em, sendo um espiritualista racional, afirmar que encontrou a mesma moral obtida em suas observações, justamente no Espiritismo "de Kardec":

> *A moral, tal qual a compreendo e a deduzi de noções científicas – não temo reconhecê-lo – tem numerosos pontos de contacto com aquela transmitida pelos médiuns do Sr. Allan Kardec. Também não estou longe de admitir que se nas páginas por eles escritas muitas há que não ultrapassam o alcance ordinário do espírito humano, inclusive o deles, deve havê-las, e as há, de um tal alcance que lhes seria impossível escrever outras idênticas nos seus momentos ordinários.*
>
> *LOVE, G. H. apud KARDEC, Allan. Revista Espírita, outubro, 1863.*

Creio não ser necessário seguir adiante. Deixo ao leitor a liberdade e a tarefa, se assim desejar, de buscar obter informações que o permitam chegar, pelo seu próprio raciocínio, às suas respostas. Apenas gostaria de citar mais uma vez Carlos Seth:

> *A doutrina espírita é progressiva, **mas seu estudo é a chave**. **Saibamos aguardar novos dados em vez de recusarmos alguns de seus aspectos**, como por exemplo a ação dos Espíritos nos fenômenos da natureza. Se ainda assim, determinada característica, como a religiosa, nos incomoda a ponto de não conseguirmos pô-la de lado, deixemos de ser espíritas kardecistas para então seguirmos quaisquer outras seitas oriundas do Espiritismo original. Apesar de recorrente na história,*
> *é isso que hoje presenciamos mais uma vez com laicos, ecléticos e sincréticos.*
>
> *BASTOS, Carlos Seth. Ibidem. Grifos meus.*

Ah, se o sr. Carlos houvesse seguido seu próprio *ensinamento* e estudado. Se soubesse aguardar, antes de pular precipitadamente às tolas conclusões apressadas… Teria visto Paulo Henrique afirmar, em Revolução Espírita, o quão evidente é que o Espiritismo complementa e desenvolve aquilo que o Espiritualismo Racional não pôde estudar, resolvendo, aliás, muitos de seus erros,

contradições e incertezas. Ah, essa pressa de certos “pesquisadores renomados”…

Por que Kardec não deu mais detalhes sobre o Espiritualismo Racional?

Cabe destacar que, à objeção do porquê Kardec não ter dado mais informações sobre algo para ele tão importante, precisamos responder o seguinte: o mesmo se deu com o Magnetismo, ciência que ele declara ter estudado por mais de 35 anos. Ele simplesmente não se aprofundou sobre algo que estava tão profundamente estabelecido em seu contexto, da mesma forma que, hoje, para falar sobre astronomia, não dedicamos tempo a narrar todo o contexto científico atual, nos limitando a falar, por exemplo, da teoria do Big Bang. Se, porventura, essa teoria fosse colocada no esquecimento, por encontrar-se superada ou pela adoção de outra teoria, não necessariamente correta, um leitor qualquer, no futuro, precisaria buscar resgatar esse conhecimento para bem compreender nossas teorias, suposições e doutrinas.

Devo apenas mencionar que, ao me pronunciar sobre o caso, solicitam-me provas de Kardec teria, como eu disse, defendido amplamente o Espiritualismo Racional. Eis minha resposta:

> *X, se os autores do artigo (PDF), de bom grado, tivessem se dedicado a estudar a obra desse autor, antes de criticar, teriam entendido muito facilmente todo esse contexto, de modo que eu não tivesse que ficar repetindo aqui toda a informação que já existe.*
>
> *Já citei uma das vezes em que Kardec citou, com ênfase, e nomeadamente, “Espiritualismo Racional”, afirmando que toda defesa dele seria favorável ao Espiritismo. Em outubro de 1863 (RE) você terá DOIS artigos muito interessantes sobre o assunto. Cito o início do segundo, ao final do número (“O Espiritualismo racional pelo Sr. G. H. Love, engenheiro”):*
>
> *“Este livro notável e consciencioso é obra de um distinto cientista, que se propôs tirar da própria Ciência e da observação dos fatos a demonstração da realidade das ideias espiritualistas. É mais uma peça em apoio à tese que sustentamos acima. É mais ainda, porque é um primeiro passo, quase oficial, da*

> *Ciência, na via espírita".*
>
> *Vá até o Google e coloque assim: "site:kardecpedia.com espiritualismo", e encontrará muita coisa.*
>
> *Ora, se Kardec falava de fluidos (vital, elétrico, magnético, etc) não nos cabe investigar o que é isso, ao invés de adotar, cegamente, teorias erradas? Vamos então verificar que era um conceito da ciência da época, superada pela ciência atual e, ao que tudo indica, abandonada por Kardec, após convencer-se da veracidade da teoria de Mesmer. Sem fazer isso, caio no erro de dizer que Mesmer e Espiritismo não tem nada a ver, sem saber que Kardec TAMBÉM defendeu o Magnetismo de Mesmer.*
>
> *Afinal, que linha de pesquisa é essa, para a qual querem dar tantos ares de seriedade e confiança, mas que comete um erro tão grave e absurdo como tal, com o agravante de dar sentenças finais sobre este ou aquele assunto, influenciando o meio espírita para uma nova cisão que não existe senão em suas mentes, apegadas a uma discordância inicial ((Refiro-me à discordância entre ter havido ou não adulterações nas obras O Céu e o Inferno e A Gênese))?*

Terminam por cair no ridículo e no descrédito aqueles que assim agem. Não que não estejamos livres, de nossa parte, de incorrer em erros do gênero ou outros piores, mas o estudo do Espiritismo e do proceder científico de Kardec muito nos tem ajudado nesse sentido.

O monopólio do bom-senso

Termino com uma observação de Kardec, feita sobre o artigo "A bibliotecária de Nova York", na Revista Espírita de maio de 1860. Não é relacionado ao tema principal, mas, quem sabe, nos sirva de reflexão. Os grifos são meus, como sempre:

> *Sobre o artigo, faremos uma primeira observação: é **a displicência com que os negadores dos Espíritos se atribuem o monopólio do bom-senso**. "Os espiritualistas, diz o autor, aí veem um exemplo a mais das manifestações do outro mundo. As pessoas sensatas não vão buscar a explicação tão longe e reconhecem claramente os sintomas de uma alucinação". Assim, conforme esse*

> *autor,* ***só são sensatas as pessoas que pensam como ele; as demais não têm senso comum****, mesmo que fossem doutores, e o Espiritismo os conta aos milhares. Estranha modéstia, na verdade, a que tem como máxima:* ***ninguém tem razão, salvo nós e nossos amigos!***
>
> *KARDEC, Allan. Revista Espírita, maio de 1860*

Os documentos que eles encontraram, corroborando uma **hipótese** de não adulteração, são, segundo eles, comprobatórios, dão sentenças finais – mesmo sendo nada mais que evidências que não explicam muitas coisas. Fora disso, segundo eles, é tudo descartável, falácia ou invenção.

O questionamento é natural, salutar e necessário. Ele nos instiga a pesquisar, a reler, a estudar. Mas seria ainda mais produtivo se a opinião discordante nascesse, sempre, de um profundo embasamento bibliográfico e científico, de modo a não terminar como os Srs. Schiff e Jobert (Revista Espírita, junho, 1859) que, tendo descoberto no estalar de um músculo a confirmação de **uma** hipótese, terminaram por afirmar categoricamente, com palavra final, contra todos os fenômenos espíritas. Bem, basta ler o artigo para certificar-se do ridículo no qual caíram frente aos fatos apresentados por Kardec.

Isso é ciência. Isso é desapego. Isso é compromisso com a verdade. Por todo esse compromisso, longe de configurar como um ataque, mas como uma defesa, faço o que eles não fizeram, e dou nome e sobrenome àqueles que atacam de maneira leviana o trabalho de outros.

Estranhamente, Seth vê uma divisão ao tratar do movimento que deu base ao surgimento do Espiritismo, mas não vê problema algum em ficar fuçando e trazendo à tona fofocas da época, lançada por médiuns que não quiseram se adequar àquilo que a Doutrina Espírita demandava. Vai entender…

O ataque às escolas e a “visão segundo o Espiritismo”

Vou me dar ao luxo de “chover no molhado”, apenas porque o assunto é importante e requer, penso eu, reflexão e racionalidade. Os ataques realizados nas escolas foram algo lamentável, mas mais lamentável ainda é ouvir os absurdos que falam em nome do Espiritismo.

Vemos, frente aos acontecimentos em questão, novamente a busca de respostas “espiritualistas” para os motivos pelos quais aquelas crianças passaram por tais tragédias, e não raro nos deparamos com palestrantes que, em nome do Espiritismo, vão dizer que “são Espíritos endividados que se reuniram para resgatar faltas passadas”. Superado o momento inicial de verdadeira ojeriza pela falta de empatia de quem se coloca na posição de juiz do caminho alheio, sem se colocar na posição de um pai ou de uma mãe ouvindo tais palavras – um verdadeiro desserviço ao Espiritismo – sinto necessário reiterar: não é possível, muito menos cabível, apontar para quem quer que seja para dizer se a situação que a pessoa passa é resultado de suas **escolhas** – repito: **escolhas** – ou se é simples resultado da lei natural, isto é, resultado de estar vivo.

Já tratamos disso algumas vezes (ver *Pode uma pessoa morrer antes do tempo ou é sempre o destino, ou a fatalidade?*, *O desastre de Petrópolis na visão do Espiritismo: resgate coletivo?* e *Karma e Espiritismo*. Não existe carma, tudo é efeito de escolhas do Espírito, que, apenas em casos excepcionais, por ausência de capacidade de raciocínio, é submetido a encarnar de forma compulsória (ref. OLE, p. 262). Deus não castiga seus filhos por fazerem más escolhas, pois sabe que tudo é resultado da ignorância e, quando essa ignorância é tão grande a ponto de obliterar sua capacidade de julgamento, suas leis suprem essa incapacidade momentânea.

Digamos que participar de certos desastres, particulares ou coletivos, possa ser mesmo o efeito de uma escolha lúcida do Espírito que acredito que aquilo lhe ensinará algo ou que acredite na lei de talião ou no carma, julgando ser necessário passar pelo mesmo gênero de sofrimento a fim de se “depurarem”. Isso tem seu fundo de lógica e de verdade, e veremos alguns casos como esse permeando os estudos de Allan Kardec.

Poderiam, então, todas essas crianças terem escolhido estarem ali reunidas voluntariamente, por efeito de uma escolha feita em Espírito? Suponhamos que sim, e analisemos a lógica da suposição. Para tanto, de duas, uma: ou esses Espíritos teriam que saber, com grande antecedência, que aquele indivíduo, praticamente do crime, escolheria aquela escola onde elas *teriam* que estudar, para praticar seu crime, premeditado por anos, ou esses Espíritos teriam que, por meio deles ou de outros, instigarem esse indivíduo a cometer um crime (assumindo, por sua vez, uma "dívida") apenas para que eles pudessem realizar seu "resgate" – um verdadeiro ciclo sem fim.

Sim, um Espírito em particular pode ter pressentido o crime em premeditação e ter manejado estar ali, para sofrer suas consequências, sabe-se lá o por que, assim como outro pode ter escolhido se ausentar desse local, nesse dia, pelo mesmo pressentimento. Vemos isso a todo momento. Torna-se inconcebível, porém, imaginar que todos aqueles que são mortos em um desastre qualquer escolheram estar ali, muitas vezes meses ou anos antes, apenas aguardando para que todas as circunstâncias alinhadas pudessem provocar a situação que ofereceria a oportunidade de "resgate". Ademais, quando Kardec ou outros Espíritos falam em "resgate", é o resgate de si mesmo, através do processo "*arrependimento, a expiação e a reparação – em resumo: um aperfeiçoamento sério, efetivo, assim como um retorno sincero ao bem*"((KARDEC, Allan. O Céu e o Inferno. Tradução por Emanuel G. Dutra, Paulo Henrique de Figueiredo e Lucas Sampaio. 2021.)), e não um resgate de débitos recíprocos ou com a lei divina – porque Deus não cobra débitos que, em verdade, nem sequer existem.

As crianças que morreram em tais casos trágicos não estão pagando por nada. Morreram por efeito de estarem encarnadas e por efeito de uma má escolha de outro indivíduo. Esse indivíduo, que já sofre por efeito de suas escolhas, mesmo que não perceba isso, sofrerá quando despertar sua consciência, seja por sentimento culpa frente ao crime cometido, seja pela constatação de sua própria condição de apego, pelo efeito de seus atos, mesmo que nem sequer se lembre do caso específico em questão. Os Espíritos das crianças podem já ter seguido em frente, evoluído bastante, no momento em que o Espírito do criminoso tome consciência. Não há que se cogitar, portanto, uma encarnação conjunta com o fim de resgate recíproco qualquer, mas podemos imaginar o Espírito de uma dessas crianças, tocado de compaixão pelo outro, **escolhendo** nascer junto a ele para auxiliá-lo em seu caminho de retorno ao bem. Ou não. O Espírito do criminoso

pode escolher, se tiver consciência disso, nascer em meio a uma família boníssima, de grandes valores espirituais, que poderão auxiliá-lo a aprender… Ou poderá escolher nascer em meio à criminalidade, para se colocar à prova de resistência. O que é melhor? Como saber quem e por qual motivo fez esta ou aquela escolha? Não sei. Nem você sabe. O ponto é: qualquer das escolhas, para esse Espírito, será uma expiação, e "expiação" não significa *castigo*, mas *condição na qual ele tenha sua "atenção concentrada incessantemente sobre as consequências desse mal, compreende-lhe melhor os inconvenientes e é motivado a corrigir-se"*((Ibidem)).

Se você já passou por algo parecido ou tem perto de você alguém que passou, a mensagem que eu deixo é esta: o Espírito sobrevive e seguirá sua jornada. Quem vai e quem fica precisa se esforçar para não se apegar ao acontecido, entendendo que quem comete o crime sofrerá por si só, e que apegar-se a ele ou à situação levará vocês a sofrerem também. Tristeza faz parte. Saudades, doem. Mas apego é infelicidade. Ore para que você e o Espírito que desencarnou não se apeguem a tudo isso, nem à personalidade que morreu com o corpo. Espíritos que se amam se comunicam instantaneamente, sem intermediários, e basta que um pense no outro para que estejam juntos, sem nenhuma necessidade de que isso seja percebido como sensação de presença. O pensamento a tudo alcança, em qualquer lugar do Universo.

Por fim: cuidado ao aceitar as "visões espíritas" sem estudar os alicerces do Espiritismo. Espíritos, encarnados ou desencarnados, dizem o que querem e, por falta de cuidado, frequentemente servem de ferramenta aos inimigos da Doutrina.